

CDD: 070

**“A QUEM INTERESSAR  
POSSA”:** ENTREVISTA COM  
**MARINA COLASANTI**

Anderson Gomes<sup>1</sup>

*A quem interessar possa*

*Abriu a janela no exato momento em que a garrafa com a mensagem passava, levada pelo vento. Pegou-a pelo gargalo e, sem tirar a rolha, examinou-a cuidadosamente. Não tinha endereço, não tinha remetente.*

*Certamente, pensou, não era para ele. Então, com toda delicadeza, devolveu-a ao vento.*

Colasanti, Marina. In: *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p.33.

Marina Colasanti nasceu em Asmara, capital de um país que hoje se chama Eritréa, na África, onde morou até os quatro anos de idade. Mudou-se para a Itália e lá viveu até os 11 anos. Depois, veio para o Brasil, onde vive até então. A carreira profissional da escritora é múltipla. No jornalismo, na publicidade, na televisão, nas artes plásticas, na literatura. Já foi cronista, colunista, ilustradora, sub-editora, secretária de texto, editora de comportamento, entrevistadora, apresentadora, artista plástica. Desde o lançamento de seu primeiro livro, em 1968, Colasanti mantém uma produção literária ininterrupta, que soma mais de 30 títulos, lançados por diversas editoras. Neste sentido, a percepção de que as inserções acadêmicas acerca da obra de Colasanti eram escassas – muito embora sua produção textual seja significativa – foi um dos principais impulsos que me levaram a dedicar quase três anos ao estudo de sua obra. O resultado é uma dissertação intitulada *E por falar em mulheres: relatos, intimidades e ficções na escrita de Marina Colasanti*, que

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura pela UFSC, professor da Faculdade Positivo.

teve, como principal propósito, investigar a produção textual da autora lançada dentro de um recorte temporal que abrange a década de 80. Tal período, cumpre observar, compreende o final do regime militar e o início de um processo de redemocratização do país, bem como da visibilidade de um discurso feminista mais concreto e da consolidação do movimento feminista brasileiro.

Emerge, desse recorte, um intenso jogo interativo que a autora manteve com suas leitoras – apontando situações conflitantes, mediando fatos históricos, acontecimentos do cotidiano e experiências – e acabam por despontar os três gêneros textuais analisados e mencionados indiretamente no título da dissertação: artigos (relatos), cartas e respostas às cartas (intimidades) e contos (ficção). A diversidade de planos e perspectivas sob os quais pode ser trabalhada a obra de Marina Colasanti revela, ademais, a multiplicidade de temas que ficaram fora do referido recorte. Buscou-se, no entanto, colocar em diálogo essa diversidade e analisar a contaminação dos discursos entre si. Colasanti, por meio de uma correspondência via *e-mail*, legitimou a referida proposta, tanto que proferiu um gentil comentário: “Eu sempre digo que não estou me dividindo em pedacinhos diferentes, e sim estou querendo, com pedaços diferentes, construir um todo muito homogêneo.”

Os artigos (relatos), compilados em duas publicações – *A nova mulher* (Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1980) e *Mulher daqui pra frente* (Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1981) – podem ser considerados uma espécie de teorização – uma síntese da condição social e cultural das mulheres contemporâneas ao momento em que foram escritos. É perceptível o direcionamento das idéias de Colasanti para uma leitora que está em dúvida a respeito de como se comportar e agir frente a novas situações. A autora, através de seus textos, desafiava algumas noções dominantes na vida das mulheres e tentava romper com certos modelos excessivamente rígidos de comportamento, buscando abrir um horizonte de novas possibilidades, informando, esclarecendo, fazendo refletir. Em outras palavras, estes artigos, quando reunidos e analisados na sua diversidade temática, constituem uma narrativa representativa do período em que foram escritos e possuem o condão de representar uma espécie de “pedagogia” da “nova mulher”.

As cartas e as respostas às cartas (intimidades) referem-se ao trabalho semanal que Colasanti manteve durante alguns anos na revista NOVA, através de uma coluna chamada *Qual é o seu problema?* – na qual respondia a cartas enviadas por leitoras. Uma seleção dessas cartas e dessas respostas deu origem ao livro *Intimidade Pública*. Através de confluências e contrapontos, configura-se um processo de intercâmbio entre a experiência vivida pela autora com a experiência de outras mulheres. Colasanti dialoga com suas leitoras de maneira a fazê-las repensar a condição das mulheres, sempre almejando

o crescimento e o amadurecimento da consciência dessa condição. Com um texto que faz incursões por pesquisas científicas, pelo pensamento dito “culto”, “erudito”; mas também por provérbios, ditos populares e notícias, Colasanti produz textos atraentes e certos – no que diz respeito à mulher que a autora quer despertar para a auto-conscientização – e cumpre a demanda urgente por aquelas informações, conforme exigia o contexto e conforme solicitavam as leitoras.

Os contos (ficções) escancaram a postura das personagens femininas frente às tentativas de dominação em relação a seus companheiros. De um lado; a repressão, a sujeição, a dominação e a dependência e, de outro; a inquietação, o inconformismo, a insubordinação e a ação constituem as bases sobre as quais se alicerçam as representações do feminino na produção ficcional de Colasanti. Seus contos constituem um espaço onde a postura, as atitudes e a condição das mulheres podem ser repensadas. As soluções para os problemas das personagens germinam do íntimo de cada uma delas, sem a necessidade de recorrer a elementos externos para aliviar ou resolver tensões. Quando se apodera do “formato” dos contos de fadas para construir sua ficção, Colasanti se mune de símbolos que metaforizam imagens e representações de mulheres que, ora aparecem parodicamente construídas sob a égide da ideologia e do poder dominantes, ou seja, numa perspectiva a partir do olhar masculino sobre o corpo feminino; ora aparecem como transgressoras dos padrões de conduta permitidos socialmente. Por outro lado, quando se liberta dos estereótipos e apresenta personagens femininas fortes e atuantes, remete para as mudanças, para as lutas, para as dificuldades superadas, para as conquistas e sugere que muitas situações de dominação já foram, em parte, resolvidas, embora não estejam esgotadas as potencialidades do ponto de vista crítico e político por parte das mulheres, escritoras, leitoras e textos.

Isto posto, é substancial perceber o modo como os artigos, cartas, contos – embora diferentes em sua estrutura textual – se relacionam em algum momento, mantendo suas particularidades em uma via comum. Gêneros textuais que, ao mesmo tempo em que são teoricamente díspares, apresentam um inegável vínculo de parentesco, no que se refere ao ideário e aos temas tratados pela autora. Em quaisquer gêneros, porém, surgem personagens atuantes e com desejos de mudança que, cada qual de seu modo, engendram novas maneiras de resistência e subversão das relações insatisfatórias em que se encontram.

A entrevista que segue, viabilizada na forma escrita – as questões foram enviadas a Colasanti em novembro de 2006 e respondidas alguns meses depois – nasce das inquietações decorrentes da apreciação acima. Em suas respostas, autora comenta seu trabalho na imprensa brasileira e discorre, entre outros assuntos, sobre mulheres, Litera-

tura, leitura e leitores. No exato momento em que abrimos as janelas para a leitura desta entrevista, perceberemos que as análises certeiras de Colasanti não caberão nas dimensões uma garrafa, não poderão ser aprisionadas com uma rolha, nem ao menos serão devolvidas ao vento pelo leitor mais atento. São assertivas com remetente e destinatário. A “mensagem” está aí, não apenas para ser espiada pelas dimensões restritas de uma garrafa, mas para ser observada, sentida, analisada, criticada, estudada, ampliada, discutida, repensada. São palavras, *relatos, intimidades e ficções* enviadas a mim, a você e a quem mais interessar possa.

ANDERSON – Sua trajetória como escritora é bastante marcada pelo diálogo que você manteve com as mulheres – principalmente durante a década de 80, período que compreendeu o início de um processo de redemocratização do país e de uma maior visibilidade do movimento feminista brasileiro. Gostaria que você comentasse essa experiência pessoal e, também, o papel que a imprensa brasileira da época desempenhou no sentido de difundir o discurso feminista.

MARINA COLASANTI – Preciso fazer uma ressalva, o meu diálogo com as mulheres foi sempre mais intenso na atividade jornalística do que na literária. É claro que, sendo mulher, interessada nas questões femininas, e com um feminino forte e assumido, me comunico bem com as mulheres mesmo quando não estou me dirigindo diretamente a elas. Mas nunca usei a literatura para fazer proselitismo ou política feminista. Isto dito, foi um privilégio que a vida me deu, ser chamada a participar, através de um veículo forte, de momento de mudanças tão importantes. Tive que aprender, estudar, me fundamentar. Montei um arquivo – que alimento até hoje, oh! a escravidão dos arquivos! – fui fazendo uma biblioteca, precisava de material para pesquisar, buscar dados. Foi um processo pessoal muito intenso, de descoberta, além de um trabalho coletivo. O papel da imprensa foi fundamental na tomada de consciência. Num país tão grande, de tão grandes desconhecimentos, de tão grande privação de notícias, a imprensa, com sua possibilidade de penetração foi determinante. Premidos pela censura, ainda assim podíamos dizer coisas básicas, de raiz. E nesse processo a imprensa tomou o lugar das militantes que, por razões políticas, haviam sido obrigadas a se exilar. Quando regressaram, os trabalhos correram com grande rapidez, porque uma parte da matéria já havia sido transmitida pela imprensa. E falo, evidentemente, da imprensa feminina, porque a “grande imprensa”, a imprensa noticiosa, continuava imersa em sentimentos patriarcais. Parafraseando Beauvoir, foi o momento em que me fiz mulher. Eu já havia começado o processo anteriormente, mas a partir do momento em que fui chamada para ser editora de comportamento de uma revista feminina de grande tiragem, comecei a estudar intensamente. Escrevia vários artigos por mês, alguns com pseudônimo, alguns – menos frequentes – adaptados de artigos americanos. Senti necessidade de consistência, e fui buscá-la nas leituras. Foi extremamente

enriquecedor para mim. E havia a parte de contato com o público, as conferências. Depois de publicar o livro “A Nova Mulher”, fui contratada pela revista para fazer palestras em todas as capitais do Norte, Nordeste, Centro e Centro-Oeste. Foi emocionante. Havia sempre multidões lotando os teatros, era um momento de efervescência para as mulheres, de mudança. E elas vinham cheias de entusiasmo. Foi lindo. E as vendas da revista – que era o que a direção queria – deram um salto para cima.

ANDERSON – O livro “Intimidade Pública” é uma compilação de respostas suas às cartas de leitoras que escreveram para a revista NOVA, também durante a década de 80, na coluna “Qual é o seu problema?”. Gostaria que você comentasse dois aspectos deste trabalho. Primeiro, a credibilidade deste tipo de seção dentro de uma revista, questionada por leitores que duvidam da veracidade das cartas. Segundo, a experiência de direcionar um texto para uma leitora específica, ou seja, uma mulher de classe média que tinha acesso à revista.

MARINA COLASANTI – É a primeira vez que encaro essa questão. Nunca pensei nisso porque o teor das cartas que recebia não continha nenhuma desconfiança, nenhuma dúvida quanto à lisura da coluna. A dúvida, tão frequentemente expressa pelas autoras das cartas, era de ordem pessoal, escrever ou não escrever, expor-se ou continuar oculta. Jamais recebi uma carta que questionasse a veracidade do processo. Temos aí um complexo cruzamento de dados. Tentarei simplificar. A revista era vendida e pensada para um público alvo majoritário de classe média. Mas estávamos conscientes de que, devido ao seu conteúdo e graças ao sistema de repasse que completa o ciclo de todos os produtos nesse nosso país de desigualdades, era lida também por mulheres das classes mais baixas. E dessas classes provinha grande parte das cartas, talvez a maior (as mulheres das classes abastadas têm menos hábito de escrever para revistas, e contam com maiores possibilidades de aconselhamento, graças a terapeutas ou mesmo a leituras). Entretanto, ao responder uma carta em coluna desse tipo, o objetivo não é tanto o de ajudar quem a escreveu, mas gerar interesse e aprendizado no corpus tão mais diversificado das leitoras. Obedecer a esses requisitos tornava a escolha difícil, e sempre escrevi as respostas ciente de estar sobre o fio da navalha.

ANDERSON – Ainda sobre o livro “Intimidade Pública”: essa coletânea, de um lado, revela um leque variado de dificuldades que a leitora da época enfrentava e, de outro, faz delinear-se o caráter de classe dessas mulheres. É uma maioria branca, heterossexual e de classe média. O universo em que essas mulheres vivem está livre de contradições sociais. Não aparecem temas que foram pauta do movimento feminista da época, como o difícil cotidiano das mulheres trabalhadoras e donas de casa, a carestia ou a reivindicação por creches. Os problemas centram-se mais nas aflições sentimentais e nos relacio-

namentos familiares (maridos, filhos, pais, sogras...) Mais de vinte anos depois, você consegue ver mudanças significativas nesses dois âmbitos: no âmbito das conquistas sociais e na esfera das relações de gênero?

MARINA COLASANTI – O perfil das leitoras de NOVA não é forçosamente o mesmo das autoras das cartas. Estou falando em termos de maioria. Como te disse acima, recebia muitas cartas não brancas, não hétero, não médias. Mas, é claro, eu falo tendo presente a totalidade das cartas, não apenas as publicadas. E mesmo as brancas, hétero, médias, não estavam livres das contradições sociais (de uma forma ou de outra, ninguém está), porque NOVA se dirigia – está no próprio nome da revista – à nova mulher daquelas décadas, uma mulher profissional ou a caminho de sê-lo, que queria andar com as próprias pernas, interessadas nas mudanças geradas pela revolução feminista. E essas mulheres sofriam com o preconceito, com a falta de creches ou de suporte para a educação dos filhos, com o estreitamento da ascensão profissional imposta ao gênero, enfim, com questões sociais. Mas as questões sociais, coletivas, já eram tratadas no corpo da revista. A coluna, com aquele título de que nunca gostei, era o espaço declaradamente pessoal, o do SEU PROBLEMA. Para isso havia sido criada. Não tivéssemos, mais de 20 anos depois, mudanças significativas nessas áreas, teríamos, nós todas que batalhamos por elas, que cortar os pulsos. Elencá-las exigiria uma tese, mesmo porque teríamos que fazê-lo comparativamente. Basta ver nossa constituição, moderníssima em tudo o que diz respeito ao feminino e à infância. O fato dela não estar sendo posta em prática não pode ser debitado às mulheres – que ajudaram a criá-la – mas ao apego dos executores aos velhos padrões. Vale dizer, entretanto, que se as mudanças são significativas em relação ao passado, são insuficientes em relação ao presente.

ANDERSON – Você desempenhou, na imprensa brasileira, um papel parecido com o que Carmem da Silva desenvolveu durante a década de 70, também dentro de uma revista destinada ao público feminino. São recorrentes as comparações entre vocês duas?

MARINA COLASANTI – Não. Eu gostava muito da Carmem, e ela de mim – devo-lhe certamente alguns dos prêmios que ganhei na Editora Abril, porque ela era sempre do júri. Mas ela me antecedeu, era mais velha, vinha da área da psicologia. Tínhamos estilos diferentes. E trabalhávamos em revistas diferentes, CLAUDIA, direcionada para um público mais conservador, de donas de casa, mães, e NOVA, voltada para as que buscavam um outro estilo de vida, profissionais, revolucionárias, sem filhos.

ANDERSON – Você acredita que as revistas destinadas ao público feminino que mantêm os famosos “consultórios sentimentais” ou, como você prefere chamar, “seções comportamentais” continuam, atualmente, cumprindo um papel importante na formação da “nova” leitora?

MARINA COLASANTI – Não chamo os consultórios sentimentais de “seções comportamentais”, chamava a minha coluna “gabinete de leitura” por razões que expus na apresentação do livro. E não posso te dar uma resposta abalizada porque nunca mais li revistas femininas, mas pelas chamadas de capa, que às vezes olho nas bancas, não diria. E a existência de uma “nova” leitora me parece improvável na atual falta de renovação.

ANDERSON – De 1985 a 1989, você foi membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Como foi este trabalho?

MARINA COLASANTI – O trabalho do Conselho foi muito importante para mim. Eu que nunca havia trabalhado com grupos militantes, que desconhecia as perigosas correntezas das forças políticas, que não tinha experiência do coletivo feminista – NOVA não era uma revista feminista, era uma revista que se queria atual – aprendi muito. A qualidade do trabalho do Conselho está consignada na Constituição. Foi um trabalho democrático, onde realmente lutou-se para expressar os desejos e as necessidades das bases. Foi a primeira vez que o Brasil ouviu a voz das suas Marias. E o *lobby* do Conselho foi talvez o que mais obteve, de tudo o que pediu

ANDERSON – Alguns de seus livros, principalmente os contos de fadas ou, mais especificamente, aqueles que o mercado editorial costuma chamar de “literatura infanto-juvenil” já ultrapassaram doze, treze edições. A que você atribui esse constante interesse das gerações por suas histórias?

MARINA COLASANTI – A especificidade, aqui, terá que funcionar ao contrário. Ou seja, o conjunto do que o mercado oferece ao público de crianças e jovens é chamado “literatura infanto-juvenil”. Dentro dele se incluem os contos de fadas, que são um gênero literário à parte, destinado a qualquer idade, mas mercadologicamente alocado para os pequenos. Eu tenho livros para crianças, livros para jovens, e contos de fadas. Tanto os contos de fadas quanto os livros para crianças têm muitas edições, mas não cabe a mim dizer o porquê do interesse. Qualquer tentativa nesse sentido correria o risco de parecer cabotina. O que, sim, posso te dizer, é que não escrevo voltada para um momento, um modismo, um alvo da moda. Os meus temas não são, em si, passageiros.

ANDERSON – O leitor deste começo de século tem características específicas?

MARINA COLASANTI – Para te responder corretamente, teria que fazer um estudo comparativo, analisar os leitores do passado, e os do passado recente, ver o que dizem as pesquisas. De modo geral, diz-se que o leitor hoje dispõe de menos tempo, foi acostumado pelo cinema e pela televisão a um ritmo narrativo mais dinâmico. Entretanto, continuam sendo publicados e fazendo sucesso livros de narrativa convencional, pausada, quase

lenta. Depende, em grande parte, do que uma narrativa tem a dizer, da sua proposta.

ANDERSON – É certo que um texto pode atingir diferentes leitores. Mas o contato com sua ficção nos revela sempre personagens femininas que transgridem aquele padrão da princesa que deposita todo o seu ideal de felicidade na presença física de uma figura masculina – o príncipe. Fugir a esses estereótipos é um ato consciente que visa, principalmente, a conquistar/educar/informar as meninas?

MARINA COLASANTI – Não desejo de modo algum conquistar/educar, informar as meninas, ou os meninos, não dessa maneira didática. Quando quero educar/etcetera escrevo artigos, ensaios, em que a intenção didática fique bem explícita. Jamais utilizaria a literatura como veículo para ministrar ensinamentos. Considero que a literatura contém por sua própria natureza ensinamentos muito mais profundos, e extremamente individuais, pois cada um colhe nela aquilo de que necessita. Se as minhas personagens femininas são fortes é, provavelmente, porque eu tenho um feminino forte e orgulhoso.

ANDERSON – A personagem central de um de seus contos mais conhecidos, “A moça tecelã”, tem o poder de criar (tecer) tudo aquilo de que ela precisa: água, comida e até um marido. Quando o marido começa a explorá-la gananciosamente, ela sente-se desconfortável com a situação e tem o poder e a autonomia de destecê-lo. As mulheres têm ou deveriam ter esse poder?

MARINA COLASANTI – Nunca comento os meus contos de fada dessa maneira, nem faço o desmonte dos seus símbolos. Como disse acima, não escrevi esse conto para falar diretamente do poder das mulheres. E não vou fazer essa vinculação agora. Seria empobrecer o conto.

ANDERSON – Como você vê as representações da mulher em textos de escritores e escritoras da literatura contemporânea? Você destacaria algum nome dentro do cenário nacional? Aproveitando esta mesma pergunta, gostaria de que você comentasse o papel do escritor neste começo de século.

MARINA COLASANTI – Anderson, não faça isso comigo, o que você está me pedindo é um ensaio, aliás, dois. Vou tentar simplificar. Para ver a representação da mulher eu teria que percorrer toda a literatura contemporânea, e não é esse o meu papel. Por alto, acho que temos representações de todo tipo, ao contrário do que acontecia no passado quando a representação obedecia a um único padrão de mulher (eventualmente dividido em dois, a santa e a prostituta). As mulheres, que estão a cada dia fazendo-se mais presentes na cena literária, trazem para essa cena outras representações, certamente mais próximas de um feminino verdadeiro. Quanto ao papel do escritor é sempre composto por três fatores: a arte (da escrita), a crítica (do mundo circundante); o prazer (da leitura, que pode

ser entendido também como diversão, hoje tão na moda). Não me parece que esse papel tenha mudado muito, embora hoje a feroz estrutura mercadológica multiplique um tipo de escritor que podemos chamar de alpinista-do-mercado.

ANDERSON – Gostaria de que você comentasse um pouco sua recente obra *23 histórias de um viajante*.

MARINA COLASANTI – Sou suspeita para falar, porque amo esse livro. Amo a possibilidade que me foi dada – em grande parte pela editora, a Global – de fazer exatamente o livro que eu queria. Sendo de contos de fadas, quis que saísse para mercado adulto, para que ficasse consignada fisicamente minha intenção de autora. Os contos de fada são para qualquer idade, ou não são contos de fadas, e os meus são. Ele é fora da medida padrão, é ilustrado, trabalhado com cor, todas coisas pouco comuns para essa faixa de público, e que encarecem o livro. E ficou absolutamente *clean*, num casamento perfeito entre forma gráfica e conteúdo. Quanto ao conteúdo, quis trabalhar dentro do modelo clássico, de coletânea contida em conto-moldura, modelo que marca o nascimento do gênero (com o Panchatantra, escrito na Índia, em sânscrito no sec. I da nossa era) e é retomado tantas vezes depois, ao longo do tempo, nas Mil e Uma Noites.

ANDERSON – Sobre o que você tem escrito recentemente? Quais são seus projetos?

MARINA COLASANTI – Este ano saem três livros novos, um de poesia para jovens, *Poesia Em 4 Tempos*, com poemas novos e inéditos; uma novela infanto/juvenil (sou sempre mais juvenil que infanto) “Minha Tia Me Contou”; um livro de poesia infanto/juvenil *Minha Ilha Maravilha*. Ilustrei esses dois últimos. Trabalhei muito ilustrando, este ano, porque também ilustrei uma reedição de *A Menina Arco-Íris*, e tenho mais ilustrações pela frente. É um trabalho de que gosto imensamente. E vou trabalhando em poesia, que essa a gente não abandona. Escrevi alguns textos teóricos. Faço as crônicas. Quanto a projetos para o futuro, tenho muitos! Alguns em andamento.